
QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE JESUS: ESCRITA AFRO-BRASILEIRA E RECEPÇÃO CRÍTICA

Sabrina Farias da SILVA (G - UEL)²²

Prof.^a Dr.^a Maria Carolina GODOY (UEL)²³

RESUMO: Neste artigo, a proposta é o estudo da obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus, publicada em 1960, com enfoque na construção identitária de uma escritora afro-brasileira que lutou para ser reconhecida no campo literário. Sua obra denuncia a fome, a desigualdade, a violência e, ao mesmo tempo, afirma a voz de uma mulher negra escritora no mercado literário, lutando para ocupar os espaços além dos limites que sua condição lhe impôs. A análise da narrativa parte da discussão dos aspectos da literatura afro-brasileira, elencados por Eduardo de Assis Duarte (2011), do conceito de identidade a partir de Stuart Hall (1997, 2016) e da representação da mulher negra com base nos estudos de Sueli Carneiro (2010).

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Carolina Maria de Jesus; mulher negra.

²²sabrinafariasdasilva@gmail.com

²³ Artigo resultado da IC sem bolsa sob orientação da Prof. Dr. Maria Carolina Godoy



QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE JESUS: ESCRITA AFRO-BRASILEIRA E RECEPÇÃO CRÍTICA

Este artigo tem o intuito de divulgar o trabalho de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), sob o enfoque da representação da mulher negra e sua construção identitária a partir da obra *Quarto de despejo*, publicado pela primeira vez em 1960, a fim de contribuir para a produção de conhecimento que forneça exemplos de representações artísticas que coloquem em primeiro plano a mulher negra escritora e seu papel no contexto da literatura brasileira. A obra foi selecionada em vista de ser a primeira publicação da autora e da recepção crítica relevante registrada em torno dessa produção. O estudo baseia-se em revisão bibliográfica dos ensaios críticos que abordam os aspectos da produção literária de Carolina Maria de Jesus, ensaios teóricos sobre o conceito de literatura afro-brasileira e de identidade. A obra causou impacto à época de sua publicação pelo modo como relatava a realidade da favela e por ser a voz de uma escritora que convivia diariamente nesse espaço. O tema da fome é imediatamente ressaltado com tantos detalhes pela voz de alguém que vive essas agruras diariamente.

As resenhas imediatas ao lançamento do livro, em agosto de 1960, foram positivas, evidenciando uma nova estrela. Não demorou, porém, para que o livro virasse notícia e assim a personagem ganhasse foros de publicidade. Fatos como a mudança de sua residência da favela para o bairro de Santana, onde comprara uma casa, viraram notícia de destaque em jornais importantes como a *Folha da manhã* [...]. (MEIHY, 2004, p.29)

Audálio Dantas, o jornalista que descobriu a autora, afirma ter feito modificações na obra, uma vez que seus cadernos de anotações estavam guardados e coube a ele a organização para publicação da primeira edição. Como é afirmado por Sousa (2011, p. 95).



Audálio Dantas é um organizador discursivo cuja função é construir a narrativa por meio de eliminação de repetições, da coesão de fragmentos, do estabelecimento de um fio narrativo entre diferentes momentos narrados por Carolina (sequências de datas, por exemplo) e da construção de personagens.

Esse fato gerou polêmica, pois críticos entenderam que isso poderia alterar a identidade presente na obra, os traços de Carolina e sua escrita. Mas o jornalista defende-se de forma a explicar que poderia ficar com os originais, porém decidiu doá-los à biblioteca para que pessoas interessadas pudessem ter acesso aos manuscritos. Os escritos de Carolina estão distribuídos em várias partes do Brasil como em Sacramento (MG), no Instituto Moreira Salles (IMS), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Museu Afro Brasil, esse último acervo possui boa partes dos cadernos de Carolina digitados. Porém, mesmo com a defesa do jornalista Dantas, a inconformidade é presente, porque foram retiradas muitas partes cruciais do texto, causando dúvidas aos leitores e críticos da obra.

Em pouco tempo a obra de Carolina ultrapassou todas as expectativas vendendo milhares de livros, mas, embora estivesse feliz em ser reconhecida, sentia-se entristecida porque as pessoas manifestavam decepção ao verem uma mulher negra e favelada que escrevia. Seu livro não só registra a vivência no cotidiano da favela e a dificuldade dos que enfrentam a extrema pobreza e a fome, mas também sua luta para tornar-se escritora e que tem sua trajetória registrada nos diários, como mostram estes apontamentos:

Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei a comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear o livro. O livro é a melhor invenção do homem. (JESUS, 2014, p.24)

Em sua trajetória de escritora é perceptível tanto o popular como o tradicional, como é afirmado pela teórica Fernandez (2015, p.269):

Ela constrói suas narrativas contornando o confronto das matrizes culturais, que estão na base de sua parca formação, versus cultura erudita – à qual nunca teve acesso –, valendo-se do que aprendeu nos primeiros anos escolares e, por seu autodidatismo, nas muitas e variadas leituras, bem como fazendo resgate e atualização da cultura popular e de sua história. Por vezes, as narrativas de Carolina de Jesus chegam a se aproximar da tradição da autobiografia tradicional, quando visa reconstituir e analisar sua trajetória como escritora.

Além das impressões de Carolina sobre seu cotidiano e o da favela, há também o panorama de aspectos históricos da época, como mudanças políticas e sociais e a expressão de seu sentimento de revolta sobre o que acontecia naquela comunidade:

Tenho nojo, tenho pavor

Do dinheiro de alumínio

O dinheiro sem valor

Dinheiro do Juscelino. (JESUS, 2014, p.127)

Nesta parte da obra, Carolina está revoltada devido aos altos preços dos alimentos e o baixo valor do dinheiro, o que faz a fome aumentar. Observa, em tom crítico, a disparidade entre ricos e pobres: estes precisam vender seus únicos bens em troca de alimentos, enquanto aqueles, em sua maioria, adquirem mais riquezas por pura ganância, para mostrar *status* aos outros membros da sociedade em que convivem.

Pelo fato de não ter o mínimo para sobrevivência, sempre precisando enfrentar a rotina de buscar tudo no lixo para trocar por comida e alimentar os filhos, Carolina sonha em alçar voo para tentar mudar sua situação, dando uma boa vida para seus filhos e vê na escrita uma forma de registrar esses sonhos. Percebemos as marcas de uma busca para ser escritora e sua admiração pela literatura, por exemplo, quando faz citações de livros que já leu ou frases que ouviu:



Toquei o carrinho e fui buscar mais papéis. A vera ia sorrindo. E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: “Ri criança. A vida é bela”. Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: “Chora criança. A vida é amarga”. (JESUS, 2014, p.35 e 36)²⁴

As comparações de Carolina entre sua escrita e de autores lidos aparecem no texto, de forma que percebemos sua dedicação ao conhecimento literário e de mundo, em meio a sua árdua vida. O uso de figuras de linguagem, como a metáfora, no decorrer do texto é percebido quando ela, por exemplo, compara os cômodos de uma casa à sociedade e sua desigualdade:

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenha a impressão que sou um objeto fora do uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 2014, p.38).

São Paulo, cidade de onde se origina a narrativa, recebe características de uma grande casa: “O palácio é a sala de visita. A prefeitura a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2014, p.32). O nome do livro, *Quarto de despejo* (2014), é uma referência que Carolina faz à favela, pois quem mora nessas comunidades são os rejeitados pela sociedade, já que o quarto de despejo num sentido literal é um cômodo no qual os indivíduos colocam o que será descartado, ou seja, lixo. Carolina funde, nessas imagens, humano e lixo, em clara demonstração do modo como os espaços do centro e da periferia são percebidos por seu olhar crítico e artístico. Faz comparações que sensibilizam quem lê *Quarto de despejo* (2014), desde a cor da fome, até mesmo a semelhança entre o alcoolizado e aquele que sente fome:

Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior que a do alcool. A tontura do alcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos

²⁴ As transcrições da obra mantiveram a expressão linguística da autora sem alterações ou adequações à norma gramatical vigente.



faz tremer. Percebi que é horrível ter só o ar dentro do estômago.
(JESUS, 2014, p.44)

Trabalhos como o de Luciana Paiva Coronel (2014) propõem a discussão sobre o tema da fome, que é recorrente na obra, e propicia a visão de um painel histórico e social dessa realidade no Brasil:

Muitas são as formas por meio das quais Carolina transfigura a vida na escrita, permitindo aos leitores conhecer o teor conservador e excludente do processo modernizador em curso no país nos anos 50, época em que escrevia. Partindo, por exemplo, da presença específica do pão duro como alimento que não pode ser dispensado, porque não há outro, ela amplia o âmbito de pertencimento desta dureza, que termina por contemplar a rotina completa da vida dos moradores da favela. (CORONEL, 2014, p.273)

Apesar de as escritoras negras terem ganhado visibilidade e espaço na última década, a literatura de autoria feminina negra ainda é alvo de preconceitos, tanto quanto a mulher negra no mercado de trabalho, nas academias, no mercado literário, entre outros, como menciona Conceição Evaristo (2005, p.53-54):

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. [...] Se há uma literatura que nos invisibiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco.

O fato de Carolina ter feito apenas os dois anos primários da escola não a impediu de aprender o restante sozinha, levando-a a escrever um livro que ganhou o mundo, uma dimensão que a escritora não imaginava, apesar de toda sua esperança. *Quarto de despejo* foi traduzido para alemão, inglês, espanhol, francês, holandês,



italiano, entre outros. A autora publicou outras obras e gravou até músicas de sua autoria: *Casa de alvenaria* (1961); *Provérbios* (1963); *Pedaços da fome* (1963); publicações póstumas *Diário de Bitita* (1986); *Antologia pessoal* (1996); *Meu estranho diário* (1996). Ela quebra estereótipos ao tornar-se a voz de escritora negra que denunciava, pela escrita, a situação da mulher que lutava sozinha por seus filhos, contra a condição de misérias e adversidades, como mostram os fragmentos a seguir:

[...] Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar [...] o desgosto que tenho é residir na favela. (JESUS, 2014, p.22)

[...] E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome. (JESUS, 2014, p.32)

Há o retrato de sua luta para ter produtos de necessidade básica e alimentar os três filhos. Consciente de que não poderia dar-lhes uma boa vida, naquele momento, procurava satisfazê-los nos pequenos gostos, demonstrando zelo e cuidado no cotidiano da maternidade:

Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A Vera, mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia. Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir procuro lhe dar uma refeição condigna. (JESUS, 2014, p.21-22)

Stuart Hall (2016) em seu livro *Cultura e Representação* diz que as representações vão sendo manipuladas pela classe dominante, definindo o modelo e o subalterno a ele, e essas ocorrem na e pela linguagem, que cria significados e torna-se expressão do poder. No campo da linguagem artística, a literatura afro torna-se força para representação dos grupos silenciados. Notamos a importância do registro dos aspectos históricos e culturais na obra de Carolina, tanto no conteúdo quanto na linguagem, como marcas de sua voz, mesmo ocorrendo os desvios da norma padrão.



Pensando como HALL (2016, p.31) que a representação “[..] envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam e representam [...]”, veremos que expressão e conteúdo, em *Quarto de despejo*, não só mostram a sociedade de que falam, mas também rompem com o padrão dominante de maneiras diversas: voz autoral negra, local de onde fala – favela -, modos de dizer que rompem com as normas e projeto de ser escritora em condições adversas. Essa forma de expressão representa a sociedade descrita pela obra, podendo ser compreendida sem a necessidade de atender ao padrão dominante.

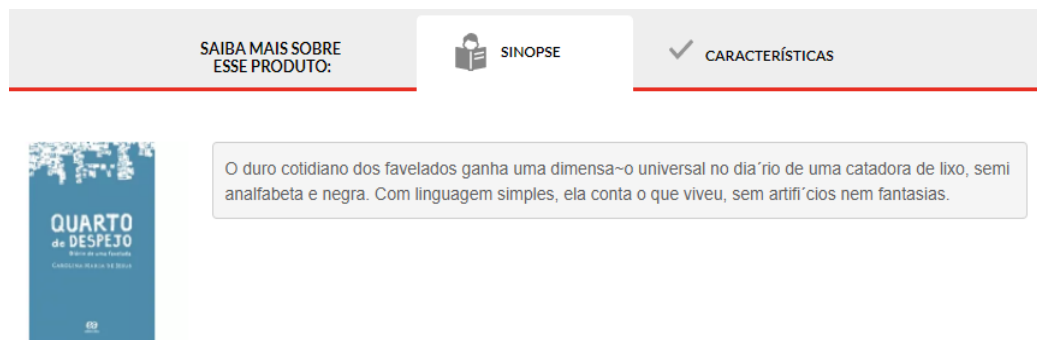
Apesar de não estar vinculada a movimentos negros ou femininos, o modo de expressar de Carolina é uma forma de resistir ao lugar onde está, ao mesmo tempo em que põe em nova perspectiva a representação de um grupo que fala por si, isto é, reafirma sua identidade no conteúdo e na forma de expressão. Os critérios de literariedade do cânone vigente não se aplicam aos estudos dessa representação, mas sim o registro de sua importância para reavaliação do lugar dessas vozes e a expressão que vêm de grupos silenciados o longo da história. Na obra *Quarto de despejo* (2014) faz-se necessário repensarmos os aspectos de valor estético com base na literariedade, pois não é dado à Carolina o mesmo peso dos cânones literários com base nesse critério. Predominam os aspectos sociais e a expressão do lugar de fala da autora, seu registro realista tanto do cotidiano da favela, quanto da expressão linguística de uma mulher autodidata.

A luta que vem sendo há muito tempo travada está em inserir a escritora no espaço literário que ainda exclui aqueles que não se encaixam em suas normas, aqueles que não pertencem ao patamar da escrita dominante, apesar de haver conquistas nesse aspecto.²⁵

²⁵ Carolina Maria de Jesus foi indicada para o vestibular da UNICAMP e UFRGS.



Em algumas livrarias, por exemplo, ao acessar as obras de Carolina, percebem-se algumas particularidades atribuídas à escritora:



Fonte: <http://www.livrariascuritiba.com.br/quarto-de-despejo-atica-lv375184/p>

No caso acima, o livro destaca o grupo social ao qual a escritora pertence como catadora de lixo, semianalfabeta e negra, em vez de relatar o seu percurso na literatura ou a sua repercussão no mercado literário nacional e internacional com o lançamento de seu livro, confirmando essa visão de deslocamento da escritora negra.

Durante a narrativa é tratada a dificuldade do negro na sociedade, que mesmo não fazendo nada de errado, é julgado pela cor da sua pele, sua classe social, dificultando assim a inserção no mercado de trabalho e nas escolas, e quando este consegue algo, sofre preconceito dos demais indivíduos que a todo custo humilham, sem medir as consequências. Como é colocado por Miranda (2013, p. 141) “as opressões pautadas em preconceitos raciais permeiam toda narrativa. [...] a partir do ponto de vista de quem está afastado dos espaços de poder”. A desigualdade e a injustiça faziam a autora e seus filhos questionarem as diferenças sociais e Carolina encontrou na literatura e na escrita uma forma de fugir daquela realidade em que vivia. Quando terminava seu trabalho, por exemplo, normalmente no período da noite ou da madrugada, a escritora relata que não conseguia dormir sem manusear o livro, ler e escrever seus dias nos pedaços em branco da página.



A emoção invade o peito no decorrer do texto e perguntamos, por que tem que ser assim? Pobre, negro, todos nós somos humanos e temos direito à educação e à alimentação, porém onde está esse direito? Onde está a dignidade? Questões que pairam sobre o público leitor com quem, num primeiro momento, dialoga a literatura afro-brasileira. Duarte (2007, p.8) faz as seguintes considerações sobre o público leitor da escrita afro:

Num contexto tão adverso, duas tarefas se impõem: primeiro, a de levar ao público a literatura afro-brasileira, fazendo com que o leitor, tome contato não apenas com a diversidade dessa produção, mas também com novos modelos identitários propostos para a população afrodescendente; e, segundo, o desafio de dialogar com o horizonte de expectativas do leitor, combatendo o preconceito e inibindo a discriminação sem cair no simplismo muitas vezes maniqueísta do panfleto.

O relato desse livro atinge tanto o público leitor que vê nessa obra sua realidade retratada de forma escrita e verdadeira, quanto aquele que toma contato pela primeira vez com outros espaços diferentes daquele em que vive. Para o primeiro grupo, pode-se pensar na representação também da esperança de um futuro melhor através da obra de uma escritora que conseguiu sair das barreiras psicológicas, físicas e econômicas impostas por aqueles que duvidaram de sua capacidade. Para mudar sua condição, acreditou na escrita, leitura e afirmação pela literatura, como mostra esta entrevista, nas últimas páginas do livro *Quarto de despejo*:

O interesse pela literatura: “Seria uma deslealdade de minha parte não revelar que o meu amor pela literatura foi-me inculcado por minha professora, dona Lanita Salvina, que aconselhava-me para eu ler e escrever tudo que surgisse na mente. E consultasse o dicionário quando ignorasse a origem de uma palavra. Que as pessoas instruídas vivem com mais facilidade” **O significado da literatura:** “a transição da minha vida foi impulsionada pelos livros. Tive uma infância atribulada. É por intermédio dos livros que adquirimos boas maneiras e formamos nosso caráter. Se não fosse por intermédio dos livros que



deu-me boa formação, eu teria me transviado, porque passei 23 anos mesclada com os marginais.” (JESUS, 2014, p.195)

A autora menciona os políticos que marcaram o país - Carlos Lacerda, Jânio Quadros, Ademar de Barros, Juscelino Kubitschek, Ney Maranhão, Carlos Alberto de Carvalho Pinto e Auro Soares de Moura Andrade - e explica o que fizeram de bom ou ruim para a nação, o que aparece também no decorrer do diário e nas notas de pé de página, de forma a vermos explicitamente seu posicionamento político. A obra, portanto, oferece um painel histórico, social, político, além de representar uma voz da literatura afro-brasileira – com tradução e repercussão internacionais - mesclada de impressões críticas, sem perder o tom subjetivo de medos, anseios e busca pelo reconhecimento literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antonio Candido em seu texto “Direito à Literatura” traz à tona um direito que todos têm de acesso à literatura, porém poucos são os que alcançam a oportunidade de acessar esse bem cultural:

A experiência pode ser a falta de oportunidade e não a incapacidade. [...] Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. (CANDIDO, 1970, p.188 -191).

Pensemos como o crítico Candido, para manter o corpo físico é necessário desde produtos alimentícios, de higiene pessoal até roupas, da mesma forma precisamos de bens culturais para deixar ativa nossa imaginação, lógica, pois o direito à literatura assemelha-se ao direito à moradia, saúde, entre outros. O grito daquela sociedade em situação de miséria material, do povo que não tem voz é ecoado por Carolina, pois mostra que é possível ser diferente e não deixar corromper-se pelos costumes de



outros ou atos sujos. A escritora não sujou suas mãos de violência, nem de calúnias, ao contrário disso foi exemplo para muitos, como ser humano sentia as dores da dificuldade, mas com elas aprendia como ser mais forte e prosseguir. Mostrou que é possível soltar as amarras colocadas sobre a classe baixa, que muitas vezes não acredita poder ultrapassar os limites econômicos impostos sem sofrer consequência social. Sua obra vem sendo revisitada no campo literário, nas escolas e nas academias, sendo estudada cada vez mais sob diferentes aspectos da produção.



"Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade."

Carolina Maria de Jesus



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio. "O direito à Literatura". In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- CARNEIRO, Sueli. "Enegrecer o Feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero" in **Racismos Contemporâneos**, org: Ashsoka /Takano Ed, Cidadania, Rio de Janeiro, 2003.
- CORONEL, Luciana Paiva. A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S.l.], n. 44, p. 271-288, dez. 2014. ISSN 2316-4018. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/12517/8705>>. Acesso em: 24 fev. 2018.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. In: AFOLABI, N., BARBOSA, M., RIBEIRO, E. (Orgs.) **A mente afro-brasileira/The afro-brazilian mind**. Trenton-EUA/Asmara-Eritrêa: Africa World Press, 2007, p. 103-112.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005.
- FERNANDEZ, Raffaella Andréa. **Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de carolina maria de jesus**. 2015. 315 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270193>>. Acesso em: 23 fev. 2018.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Org. e revisão: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro; PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**; ilustração Vinicius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014, 200p.
- JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. SESI, São Paulo, 2014.
- MEIHY, José Carlos S. B. "Os fios do desafio: o retrato de Carolina Maria de Jesus no tempo presente." In: SILVA, Vagner Gonçalves da. (Org.). **Artes do corpo**. São Paulo: Selo negro, 2004. p.15 a 53.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética**. (Tese) Doutorado em Letras, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.
- SOUSA, Germana Henrique Pereira de. **Memória, autobiografia e diário íntimo; Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativas da vida**. In: Hermenegildo Bastos; Adriana de F. B. Araújo (Org.). Teoria e prática da crítica literária dialética. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011, v.1. p. 86-108.